

Estudo dos projetos residenciais não construídos de Vilanova Artigas em São Paulo¹

Analysis of Vilanova Artigas' unbuilt designs in São Paulo

Ana Tagliari

anatagliari@usp.br

Universidade de São Paulo

Rafael Perrone

racperrone@gmail.com

Universidade de São Paulo e Mackenzie

Wilson Florio

wflorio@uol.com.br

Universidade Mackenzie e Universidade Estadual de Campinas

RESUMO – Este artigo tem como objetivo relatar resultados parciais da pesquisa que analisa projetos residenciais não construídos do arquiteto Vilanova Artigas. A concepção formal e espacial desses projetos é investigada a partir do uso de modelos físicos. O objeto de estudo são os projetos residenciais não construídos em São Paulo que fazem parte do acervo digital da Biblioteca da FAUUSP. Os resultados obtidos indicam que os modelos físicos contribuem para o aprofundamento da interpretação de projetos não construídos, tanto sob o ponto de vista conceitual e estético como do funcional e técnico. A contribuição original reside no objeto de estudo, o conjunto dos projetos não construídos em São Paulo, no método de análise com maquetes físicas e no objetivo de estabelecer relações entre a obra construída e os projetos de residências não construídas, de modo a contribuir para o melhor entendimento da concepção espacial e o partido arquitetônico de seus projetos residenciais.

Palavras-chave: projetos não construídos, projeto residencial, Vilanova Artigas, modelos físicos.

ABSTRACT – The aim of this article is to examine unbuilt residential projects designed by Vilanova Artigas. The formal and spatial conception of these projects is investigated through physical models. The object of this research project consists of the unbuilt residential projects designed by Vilanova Artigas in São Paulo that are available in FAUUSP's digital Library. The results indicate that physical models contribute to a better interpretation of unbuilt architectural design, both from the conceptual and aesthetic and from the functional and technical point of view. The original contribution lies in the object, i.e. the unbuilt projects, in the method, using physical models for analysis, and in the objective, viz. to establish a relationship between Artigas' built works and his unbuilt residential projects in order to better understand the design's spatial conception and its architectural approach.

Key words: unbuilt design, residential project, Vilanova Artigas, physical models.

Introdução

Este artigo intenta apontar o papel dos modelos físicos na investigação de projetos residenciais não construídos do arquiteto João Vilanova Artigas no Estado de São Paulo. Este texto é parte da tese de doutorado que está sendo desenvolvida na FAUUSP desde 2009.

A metodologia adotada na pesquisa realizada envolve a produção de desenhos diagramáticos e de modelos físicos, com o auxílio da cortadora a laser, a partir de

desenhos pouco divulgados até o momento do conjunto dos projetos não construídos pertencentes ao acervo digital da Biblioteca da FAUUSP. A contribuição original desta pesquisa reside na análise de projetos não construídos para um melhor entendimento do percurso da obra residencial do arquiteto. A intenção é aclarar possíveis relações entre estes projetos, particularmente o partido arquitetônico.

Trinta e oito projetos estão sendo analisados por meio de desenhos e maquetes. A organização dos projetos está sendo feita pela classificação de *tipos* e *partidos*,

¹ Esta pesquisa tem o apoio do CNPq.

partindo especialmente dos elementos arquitetônicos que compõem a linguagem particular de Artigas, como a volumetria, estrutura, as rampas e o estúdio. Neste texto, apresentamos os resultados iniciais da pesquisa em andamento.

O método utilizado, o objetivo, organização e apresentação dos desenhos do conjunto de projetos não construídos, muitos deles ainda não publicados no Brasil, se apresentam como contribuição original desta pesquisa².

Os estudos sobre a cognição em projeto ressaltam a importância da tangibilidade de modelos físicos para a compreensão de espaços arquitetônicos (Florio *et al.*, 2008). Modelos físicos são eficazes porque são palpáveis na captação de diferentes características de propostas arquitetônicas. Os resultados obtidos até o presente momento indicam que os modelos físicos contribuem para o aprofundamento da investigação de projetos não construídos, tanto sob o ponto de vista conceitual e estético como do funcional e técnico. Esta metodologia contribui substancialmente nas práticas pedagógicas, onde modelos físicos auxiliam a interpretar propostas de projetos não construídos a partir de edifícios construídos.

Ideia, desenho, projeto e obra

Os projetos desenvolvidos ao longo da carreira de um arquiteto, construídos ou não, são relevantes para a compreensão do conjunto de sua obra. Neste sentido, pode-se afirmar que projetos não construídos, em muitos casos, contribuíram para a formação e amadurecimento de ideias, e que, em alguns casos, culminaram em obras construídas de grande valor.

Historicamente, tem-se conhecimento de projetos propostos sem a intenção final de realização. Alguns utópicos, outros visionários ou até mesmo futuristas em sua época. Apesar disso, muitos projetos de importância na arquitetura, e que nunca foram construídos, impulsionaram e inspiraram ideais e, deste modo, influenciaram na formação de gerações de arquitetos.

Projetos não construídos guardam em si um universo imaginário positivo e instigante de quem os concebe. Alguns deles constituem importantes laboratórios experimentais e, assim, representam grande importância dentro da obra do arquiteto. Neste sentido, investigar os projetos que estiveram presentes apenas no imaginário do arquiteto, e que estão registrados por meio de desenhos, possibilita a interpretação de ideias.

Normalmente grandes ideias são derivadas de um conjunto de pequenos avanços ao longo de um percurso mais extenso. Parece que as grandes obras resultam de um trabalho árduo, intenso, de pequenas descobertas, até culminar em algo importante e significativo. Daí a importância de analisar e refletir sobre projetos e estudos que as antecederam. Projetos aparentemente menos importantes, em alguns casos, podem ter alicerçado e criado condições para que o arquiteto elaborasse obras maduras e consagradas pela crítica.

Relevantes pesquisas³ realizadas atestam e certificam o valor do estudo de projetos não construídos dentro da obra de um arquiteto ou de um universo mais amplo. A importância destes projetos reside não apenas na pesquisa histórica, crítica e de projeto, mas também na experimentação de uma linguagem própria dentro do conjunto de uma obra arquitetônica.

No texto *O desenho*, Artigas discute sobre o sentido desta palavra e de seu significado. Para o arquiteto, o objetivo final de um desenho, de um projeto, era de fato a construção em si. Portanto, para ele, o desenho seria um meio para se atingir seu objetivo final: a obra construída. Entretanto, em seu texto fica evidente também a importância do desenho como intenção, plano, desígnio, expressão, linguagem e especialmente a ideia. Como observou Rafael Perrone (1993, p. 352), “*não se pode confundir a inexistência de obras construídas significativas com a ausência de um projeto*”, contestando os conceitos de Zevi (1992) acerca da existência da arquitetura só diante da obra construída. Projetos não construídos têm seu valor, não só pelas ideias e conceitos que incorporam, mas como manifestação do pensamento do arquiteto.

Projetos e obras residenciais de Artigas

João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) foi um dos mais importantes e influentes arquitetos brasileiros do século XX. Há várias pesquisas sobre a obra de Artigas, e, de modo geral, podem ser divididas em dois grupos: o primeiro referente à temática estritamente residencial (Miguel, 1999; Tenório, 2003; Oliveira, 2008; Cotrim, 2008; Petrosino, 2009), e o segundo está voltado para temas específicos ou mais amplos⁴.

O arquiteto projetou cerca de 200 edifícios residenciais, sendo que aproximadamente 25% deste total são projetos não executados. É impressionante o número de

² No Brasil, o método e a abordagem deste tema, o estudo de projetos não construídos como foco principal da pesquisa, utilizando modelos computacionais para o estudo da obra dos arquitetos brasileiros, como Paulo Mendes da Rocha (Silva, 2006), Lina Bo Bardi (Santiago, 2008) e Vilanova Artigas (Sakon, 2009), é pioneiro nas pesquisas orientadas pelo Professor Wilson Florio (FAU Mackenzie e Unicamp). As pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa do Professor Florio são referência principal nesta pesquisa de doutorado.

³ Rosenblatt (1968); Sky e Stone (1976); Collins (1979); Siza e Testa (1987); Harbison (1991); Neumann, (1992); Saggio (1992); Pfeiffer (1999); Larson (2000); Galli e Mühlhoff (2000); Juarez (2000); Bachin (2005); Florio (1998 e 2005); Silva (2006); Santiago (2008); Sakon (2009); Jones (2009); Foscari (2010); Barrios (2010); Krohn (2010).

⁴ Buzzar (1996); Thomaz (1997, 2005); Nascimento (1997); Correa (1998); Kamita (2000); Suzuki (2000); Irigoyen (2002); Jucá (2006); Rossetti (2007); Iwamizu (2008); Cunha (2009), entre outros.

projetos que não se tornaram obras construídas. Apesar desta grande quantidade de projetos residenciais que não se tornaram obras construídas, notamos uma carência no estudo sobre o conjunto destes exemplares. O pressuposto desta pesquisa é que a investigação de projetos não edificados amplia as possibilidades de interpretação de suas ideias, indagações, dúvidas e pensamentos.

A obra residencial de Artigas reflete a posição do arquiteto na sociedade de sua época. Materiais e técnicas construtivas foram fatores decisivos na construção da linguagem do arquiteto. Além da mudança construtiva, ele também tinha a intenção de mudar o programa da casa paulistana e seu agenciamento. Artigas acreditava que as mudanças na sociedade passaram a exigir uma nova postura dos arquitetos e artistas. Neste sentido, os projetos não construídos permitem identificar a sequência de pequenos avanços, que contribuíram para o fortalecimento e maturação de suas ideias e obras mais significativas.

Os projetos selecionados para análise contêm significativas informações sobre o processo de projeto do arquiteto, que fazem parte da trajetória de sua obra e da consolidação de sua linguagem.

A partir do levantamento no acervo digital da Biblioteca da FAUUSP, foram identificados em torno de 50 projetos residenciais de Artigas que não foram construídos, dentre os quais foram selecionados 38 projetos dentro do Estado de São Paulo. A análise cronológica do percurso destes projetos evidencia a definição e a consolidação de conceitos que culminaram na formação de uma linguagem própria do arquiteto. Percebe-se que projetos intermediários, entre uma obra construída e outra, dependeram, de certa maneira, dos estudos, ensaios e experimentos neles realizados.

É notável como cada fase de sua carreira possui algumas obras de referência que marcam avanços e, às vezes, rupturas com a fase anterior e consolida a nova linguagem. Entre uma fase e outra, observamos que foram projetadas várias residências não construídas, que permitiram ao arquiteto experimentar e aprimorar novas soluções de projeto e novos partidos arquitetônicos.

No partido, estão presentes todas as questões centrais para o arquiteto, desde a estratégia de implantação e distribuição do programa, como a definição do sistema construtivo e as relações espaciais. Ao definir o partido arquitetônico, Artigas estrutura e antecipa todas as relações espaciais pretendidas para o projeto. Assim, a ordenação dos elementos construtivos no espaço é regida pelo partido.

O partido arquitetônico condensa aspectos estruturais à proposta, pois incorpora a definição da estrutura, circulações, setorização, volumetria e espacialidade do projeto. De um modo diagramático, o partido estabelece uma estratégia, um rumo, um percurso que norteará todas as decisões arquitetônicas. Além disso, o partido incorpora a gênese da definição de acessos, relações interior-exterior,

cheios e vazios, luz e sombra, ou seja, sintetiza forma, função e técnica.

Embora todo bom projeto seja norteador por um conceito estruturador, o partido arquitetônico não pode ser confundido com este conceito. Do mesmo modo que um conceito pode atender a diferentes propósitos, e não se esgota em uma única interpretação, um mesmo partido pode gerar projetos diferentes, mas similares entre si. Contudo, o partido arquitetônico condensa vários conceitos, derivados dos vários domínios aos quais ele deve atender. Enquanto que o conceito é amplo e abstrato, derivado de uma elaboração mental que ultrapassa um projeto particular, o partido é a sistematização e a materialização de vários conceitos. Deste modo, o partido é uma síntese da proposta arquitetônica que atua como intermediário entre a ideia (ou conceito) inicial e a concretização do projeto.

Segundo Carlos Brandão,

[a] obra desoculta o conceito, torna visível aquilo que antes permanecia oculto e o termo da obra acabada nada mais é do que a evidência do conceito. Esse conceito, portanto, não é apenas aquilo que descreve uma ideia ou o ponto de partida de um projeto, mas o termo da própria obra: a exposição de sua essência e que a faz ser daquele modo e não de outro. O conceito é a própria essência da obra e contém a verdade da obra. Mas não a verdade enquanto aquilo que pode ser empiricamente verificado, mas a verdade enquanto sentido: o sentido que a obra abre a nós e que antes permanecia oculto (Brandão, 2001, p. 7).

Quando Artigas explicita o conceito, ele revela as premissas que orientaram as escolhas implícitas no desenho e no projeto. Nesse sentido, o conceito complementa a interpretação do projeto, demonstra a intencionalidade subjacente ao projeto, facilitando a plena compreensão do propósito da obra.

A geometria do projeto nasce da compreensão da estruturação entre as partes. O partido também incorpora a geometria, pois esta irá nortear eixos, estrutura e aberturas.

Artigas cria novas relações espaciais e arquitetônicas para as residências paulistanas. De modo criativo, os novos partidos estabelecidos pelo arquiteto permitem rever a setorização da casa paulistana, fundindo espaços e, ao mesmo tempo, gerando novas proposições no modo de morar.

As operações projetuais de Artigas parecem ter sido conduzidas por conceitos amadurecidos aos poucos, e que foram sendo “testados” em diferentes propostas ao longo dos anos.

Os variados partidos derivam de interpretações de condicionantes locais, mas também de revisões em relação ao programa de necessidades. O programa das residências é revisto pelo arquiteto, assim como a divisão dos setores. Nesse sentido, o partido revê tanto os aspectos funcionais, isto é, o uso efetivo, como revê a relação e a espacialidade entre os setores social, íntimo e de serviço. A fusão espacial entre setores, e a condensação espacial

deles numa volumetria única, constitui uma inovação nas residências proposta pelo arquiteto.

As premissas de criação de novos espaços, a intenção plástica, o atendimento às necessidades e às expectativas do usuário estão presentes no partido. No entanto, para Artigas o partido arquitetônico não era uma mera resposta imediata às condicionantes impostas pelo clima, pela topografia do terreno e às necessidades convencionais de sua época. Ao contrário, era uma procura pela definição de conceitos que nortegassem a formulação de uma arquitetura com identidade brasileira, uma renovação de hábitos e costumes de sua época. Assim, a técnica construtiva adotada era escolhida para atender a propósitos e desafios impostos pelo arquiteto nesta nova visão de sociedade, imbuído de uma “moral construtiva”, e não como uma aplicação meramente técnica.

Segundo Dalva Thomaz (1997, p. 244), a residência *Olga Baeta* (Artigas & Cascaldi, 1956) representa a abertura de novas perspectivas e se configura como um início de sua nova etapa de “experimentação”, com o uso do concreto estrutural. A obra sugere uma tentativa de Artigas de estabelecer uma nova concepção espacial, dentro da “moral construtiva” e da “expressão formal própria” do

arquiteto. Na residência *Bittencourt 2* (Artigas & Cascaldi, 1956), nota-se claramente a ideia de “abrigo que promove relações humanas” (Thomaz, 1997), concretizada com uma grande cobertura que protege e condiciona a solução formal do projeto. Ruy Ohtake destaca a importância da residência *Rubens de Mendonça* (Artigas & Cascaldi, 1958) e observa que manifesta a intenção de “romper” o volume e transformá-lo em superfície (Katinsky, 2003, p. 17).

A partir da revisão de aspectos de nossa cultura, ele propõe um novo modo de habitar. O arquiteto identifica alguns reflexos de inconsistências culturais na residência paulistana e, a partir disso, propõe espaços mais coerentes e adequados aos novos usos e costumes.

As residências *Baeta* (1956), *Bittencourt 2* (1956) e *Mendonça* (1958) se destacam e são frequentemente citadas pelos pesquisadores como obras emblemáticas de Artigas. Dentre os projetos não construídos significativos, ainda não estudados, destacamos o projeto para *José Franco de Souza* (Artigas & Cascaldi, 1958), com proposta estrutural e volumétrica semelhante à casa *Olga Baeta* (1956), e o projeto da residência *Elias e Dona Maná* (1981), com proposta estrutural semelhante à casa *Bittencourt 2* (1959). Além disso, estes projetos, com volumetria caracterizada

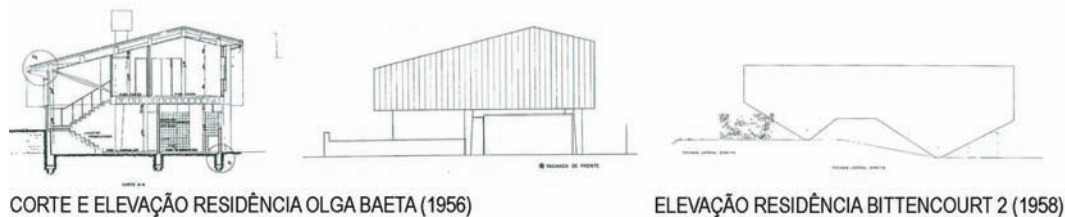


Figura 1. Desenhos das residências Olga Baeta (1956) e Bittencourt 2 (1959).

Figure 1. Drawings of Olga Baeta House (1956) and Bittencourt 2 House (1959).

Fonte: Acervo Digital Biblioteca FAUUSP.

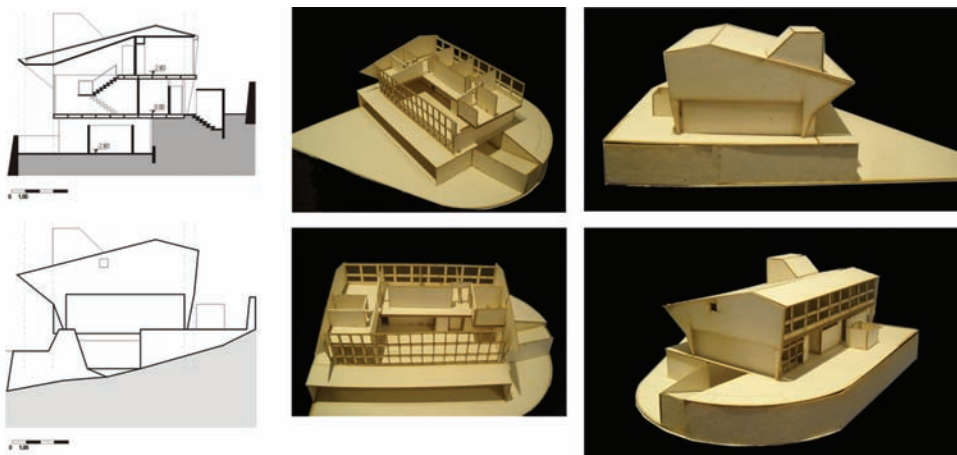


Figura 2. Desenhos e maquete projeto residência não construída José Franco de Souza (1958).

Figure 2. Drawings and model of unbuilt design for José Franco de Souza (1958).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

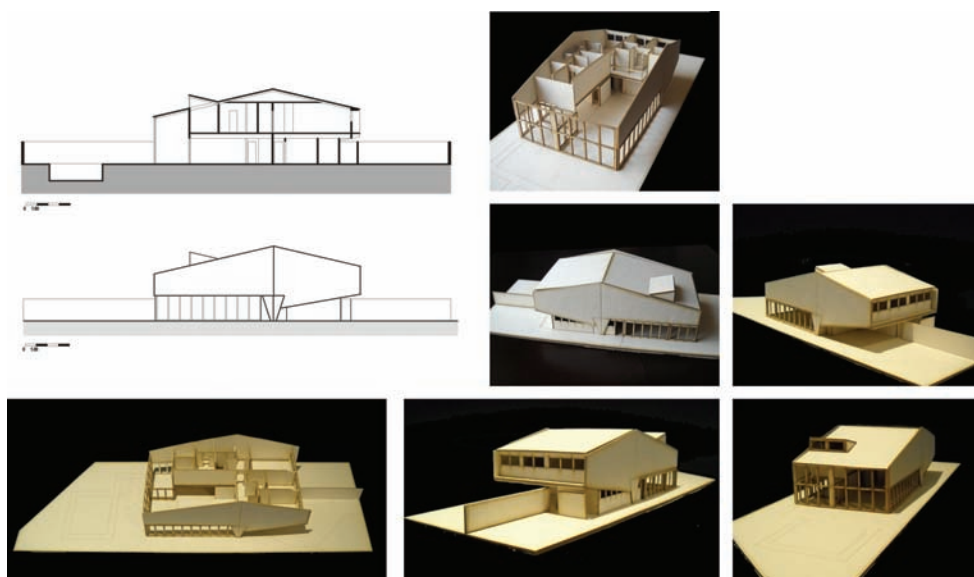


Figura 3. Desenhos e maquete projeto residência não construída Elias e Dona Maná (1981).

Figure 3. Drawings and model of unbuilt design for Elias and Dona Maná House (1981).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

pelo telhado de duas águas e empena cega nas laterais, estabelecem uma relação com o desenho do corte das residências construídas *Olga Baeta* (Artigas e Cascaldi, São Paulo, 1956) e da residência *Álvaro de Freitas* (São Paulo, 1968). Algumas características de projeto são comuns, como: a relação entre forma, espaço e estrutura, telhado de duas águas, volumetria única e empenas cegas em fachadas opostas. No entanto, a organização do programa não se assemelha, pois nos projetos não construídos deste *tipo formal* (*Franco de Souza/Elias e Dona Maná*) não há distribuição do programa em meios-níveis como nas Casas *Baeta e Freitas*.

Telhado invertido (asa de borboleta)

Nas residências *Artigas 2* (1949) e *Czapski* (1949), Artigas adota uma volumetria diferente das casas da época, com telhado invertido (asa de borboleta). Entre os projetos não construídos com este *tipo formal* identificamos um dos projetos para o loteamento para *Leo Ribeiro de Moraes* (1945), *Jeny Khury* (1948), *Francisco Matarazzo Sobrinho* (1949), *Manoel Mendes André 2* (1951) e *Amado Ferreira Mansur Gueiros* (1951).

Nestes projetos notamos dois blocos unidos com “telhado invertido”, que configuram a volumetria da casa. Com exceção da residência *Matarazzo* (1949), os projetos possuem uma planta em “L”, forma que cria um núcleo articulador entre os blocos, que serve tanto de acesso como distribuição de setores. Na residência *Matarazzo*, a planta em forma de “H” possui o núcleo de circulação vertical principal formado por rampas, interligando os dois blocos

do projeto, semelhante ao projeto do Hospital São Lucas (Curitiba, 1945).

Este *tipo* criou diferentes *partidos* como, por exemplo, a residência *Matarazzo* (1949), onde o programa foi organizado em meios-níveis interligados por rampas. Este projeto antecipa soluções de programa e agenciamento que seriam amadurecidas na década de 1950 e 1960. Na residência *Amado F. M. Gueiros*, Artigas organiza o programa em um pavimento principal. A variação de altura de pé-direito, proporcionada pela inclinação da cobertura “borboleta”, criou condições para um mezanino no setor social, que abriga o estúdio, solução semelhante ao projeto de sua segunda residência (1949).

O telhado “asa de borboleta”, que já estava presente na proposta da residência não construída *Errázuriz* (Chile, 1930), de Le Corbusier, e também dos projetos residenciais da década de 1940 de Marcel Breuer, repercutiu diferentes propostas de projetos residenciais construídos, de arquitetos como Oscar Niemeyer (*Res. Passos, 1939; Res. Charles O'Fair, 1943*), Affonso Eduardo Reidy (*Res. Carmem Portinho, 1952*) e Vilanova Artigas (*Res. Antonio L. T. Barros, 1946; Res. Vilanova Artigas II, 1949; Res. Julian Dieter Czapski, 1949 e Res. D'Estefani, 1950*).

Segundo Thomaz (2005, p. 227), o uso deste tipo de cobertura se deve em parte à indústria de fibrocimento, instalada no país na década de 1940, que favorecia a possibilidade de construir telhados com menor inclinação. Podemos notar que este *tipo* foi explorado por Artigas em vários projetos, muitos deles realizados entre 1949 e 1950. Artigas explorou este *tipo* com diferentes *partidos*, como, por exemplo, na

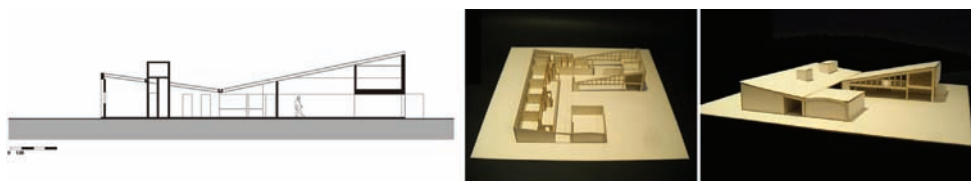


Figura 4. Telhado “asa de borboleta”. Corte e maquete projeto residência não construída Amado F.M. Gueiros (1951).

Figure 4. Invert roof. Section and model of unbuilt design for Amado F.M. Gueiros (1951).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

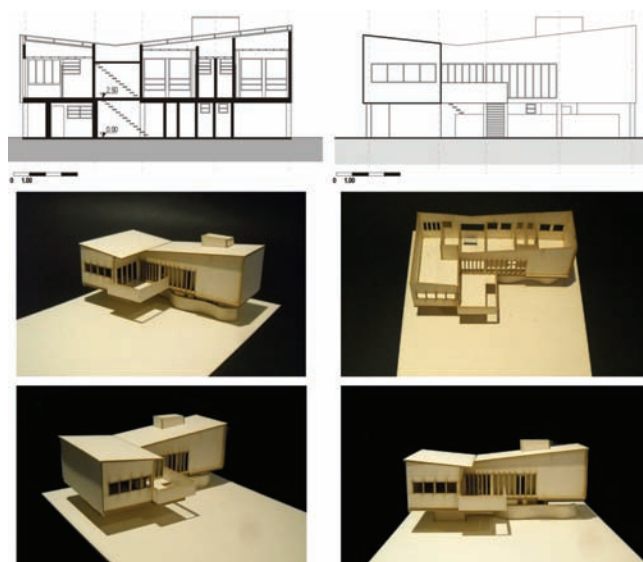


Figura 5. Telhado “asa de borboleta”. Corte e maquete projeto residência não construída Jeny Khury (1948).

Figure 5. Invert roof. Section and model of unbuilt design for Jeny Khury (1948).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

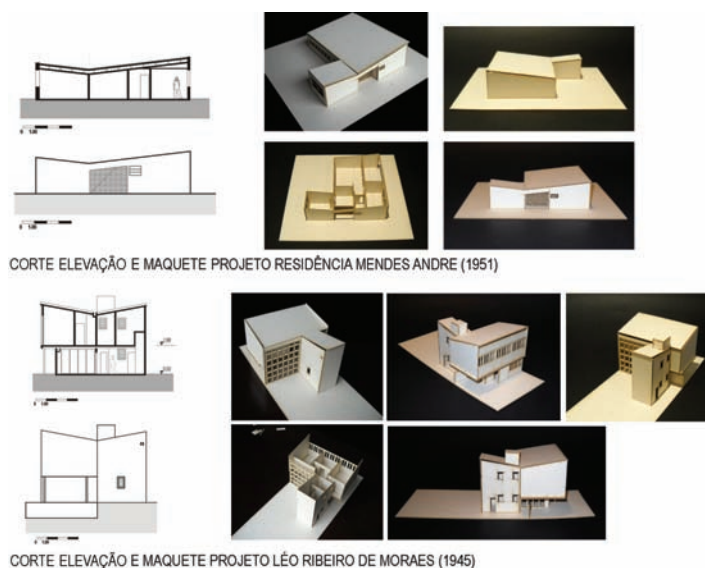


Figura 6. Telhado “asa de borboleta”. Corte e maquete projetos residências não construídas Mendes André (1951) e Léo Ribeiro de Moraes (1945).

Figure 6. Invert roof. Section and model of unbuilt design for Mendes André (1951) and Léo Ribeiro de Moraes (1945).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).



Figura 7. Telhado “asa de borboleta”. Desenho projeto residência Matarazzo (1949).

Figure 7. Invert roof. Perspective of Matarazzo House (1949).

Fonte: Acervo Digital Biblioteca FAUUSP. Foto: Hospital São Lucas (Ferraz, 1997).

residência *D’Estefani* (1950), onde o programa foi organizado em meios-níveis interligados por rampas, e a cobertura paralela às rampas. Contudo, após a década de 1950, este tipo é praticamente abandonado por Artigas.

A continuidade espacial: meios-níveis e rampas

A partir da década de 1960, há um interesse mais acentuado do arquiteto em explorar o espaço residencial a partir da adoção de rampas na organização do programa. Entre rampas abertas ou fechadas, este elemento arquitetônico permitiu gerar a continuidade dos espaços, sem interrupções rígidas, interligando níveis intermediários, muitas vezes com o estúdio no meio-nível, como um ambiente de transição. A partir do uso do concreto armado, o arquiteto explorou novas possibilidades construtivas, espaciais e estéticas.

Nos projetos das residências, não construídas, *Hanns Victor Trostli* (Artigas & Cascaldi, 1958), *Guilherme Bianchi Benvedutti* (Artigas & Cascaldi, 1959), *José David Vicente* (Artigas & Cascaldi, 1959), *Henrique Villaboim Filho* (Artigas, 1966), *José Veitas Neto* (Artigas, 1968), *Newton Bernardes* (Artigas & Cascaldi, 1969), *Jorge Edney Atalla* (Artigas, 1971) e *Gilberto e Elisa Perigo* (Artigas, 1974) o arquiteto ensaiou o uso de rampas com distribuição do programa em meios-níveis e, em alguns casos, iluminação zenital.

O projeto da residência *Newton Bernardes* (1969) possui organização do programa semelhante à residência construída *Telmo Porto* (1968): meios-níveis interligados por rampas, estúdio no meio-nível, iluminação zenital e conformação de pé-direito duplo em alguns ambientes, caracterizando um projeto introvertido com rico diálogo dos ambientes internos.

O pátio interno cria condições para a sociabilização dos ambientes da casa, continuidade visual e espacial.

As residências construídas *Heitor de Almeida* (1949), *Taques Bitencourt 2 e 3* (1959 e 1981), *Martirani* (1969) e *Nieclewicz* (1978) possuem organização do programa semelhante aos projetos não construídos para as residências *José David Vicente* (1959), *Chaim Goldenstein* (Artigas, 1952/1972), *Henrique Villaboim Filho* (1966), *Jorge Edney Atalla* (1971), *Gilberto Périgo* (1974) e *José Luiz Magnani* (Artigas, 1981). Esta similitude se dá pela distribuição do programa em meios-níveis interligados por rampas, estúdio no nível intermediário e conformação de pátio interno (coberto ou descoberto) com diferentes funções.

As rampas abertas participam do espaço interno, enriquecem a percepção do pé-direito duplo. O pátio interno conformado cria um espaço que promove a sociabilização dos indivíduos, onde, sob uma cobertura única, a continuidade visual e espacial é permitida. Notamos que este partido, iniciado por Artigas ainda na década de 1940, foi explorado pelo arquiteto de diferentes maneiras. As rampas enriquecem o espaço do pátio interno, e criam uma transição entre setores da residência de maneira sutil, sem interrupções rígidas, com diferentes visuais.

No projeto para a residência *Trostli* (não construída, 1958) nota-se um partido semelhante, porém não há estúdio. Na residência *José Veitas Neto I* (1968) encontra-se um programa organizado em meios-níveis interligado por rampa e estúdio no piso intermediário, porém não há conformação de pátio interno.

A liberdade e facilidade de deslocamento proporcionada pela rampa criam condições ao usuário de desfrutar da espacialidade e da integração entre diferentes ambientes em níveis distintos. O arquiteto explorou diversas relações espaciais a partir da posição e direção da rampa no interior das residências, criando ricos percursos e amplas visuais.

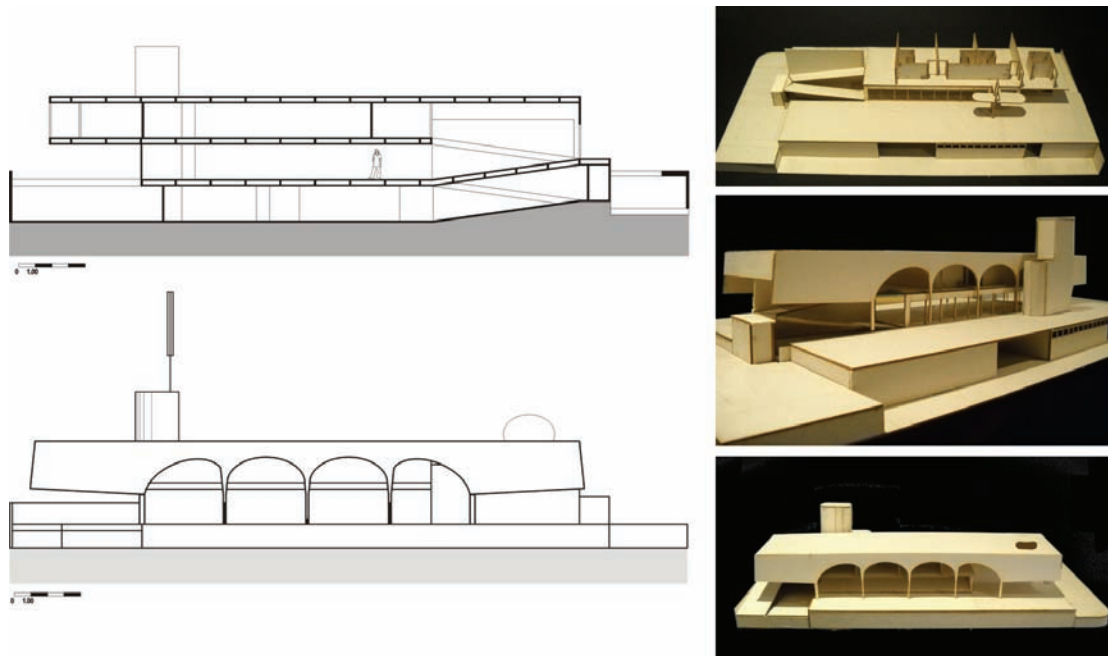


Figura 8. A continuidade espacial proporcionada pela rampa. Desenhos e maquete projeto residência não construída Elias Calil Cury (1969).

Figure 8. Spatial continuity and the ramps. Drawings and model of unbuilt design for Elias Calil Cury (1969).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

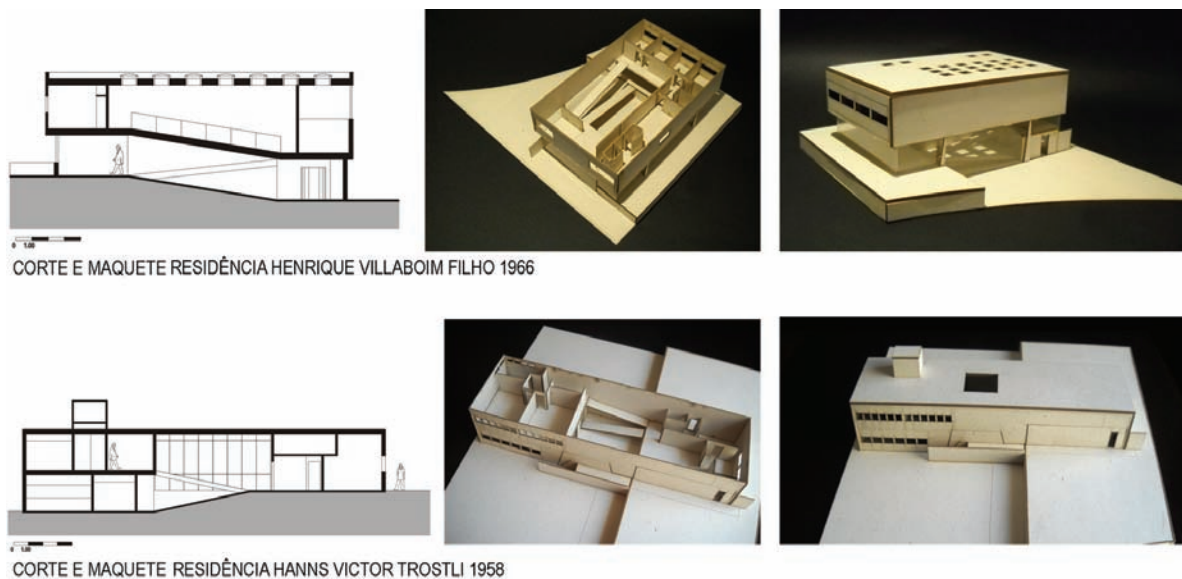


Figura 9. A continuidade espacial proporcionada pela rampa. Corte e maquete projetos residências não construídas Henrique Villaboim Filho (1966) e Hanns Victor Trostli (1958).

Figure 9. Spatial continuity and the ramps. Drawings and model of unbuilt design for Henrique Villaboim Filho (1966) and Hanns Victor Trostli (1958).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

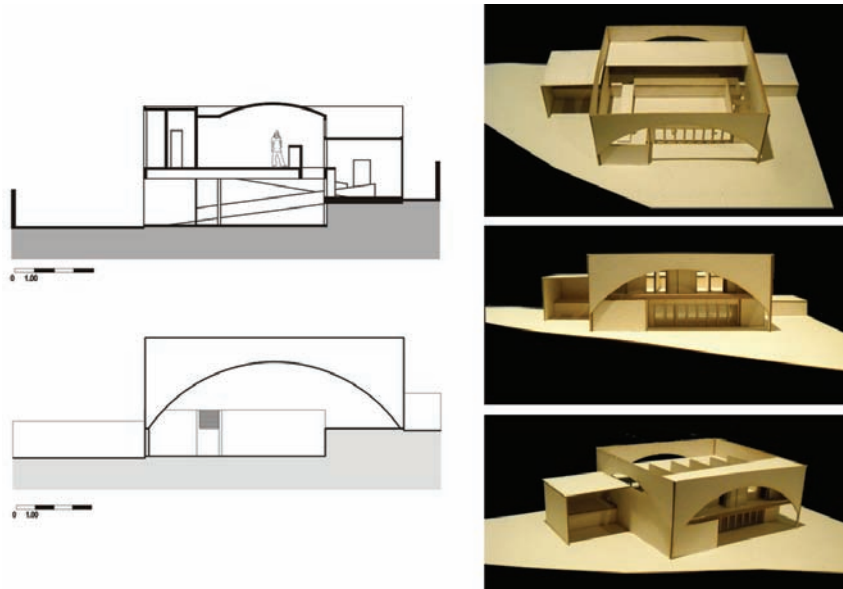


Figura 10. A continuidade espacial proporcionada pela rampa. Desenhos e maquete projeto residência não construída Newton Bernardes (1969).

Figure 10. Spatial continuity and the ramps. Drawings and model of unbuilt design for Newton Bernardes (1969).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

Mais do que integrar espaços em diferentes cotas de níveis, as rampas proporcionam aos usuários diferentes visuais do espaço interno, com dilatações e contrações espaciais que atuam diretamente sobre os sentidos.

Do conjunto de 38 projetos residenciais não construídos que estão sendo analisados nesta pesquisa, 17 projetos possuem rampas como circulação vertical, ou seja, quase metade do conjunto. Este fato demonstra um intenso desejo de criar espaços interligados e contínuos a partir da adoção deste elemento. Apesar disso, o número de casas construídas com rampas não ultrapassa a 15, o que reforça e justifica a importância do estudo deste conjunto.

Os projetos não construídos reforçam o entendimento da busca incessante do arquiteto de criar uma nova concepção espacial para residências. A continuidade espacial, a concepção estrutural e a revisão do programa de necessidades proporcionaram ao arquiteto uma linguagem própria, reflexo de uma sociedade almejada, mais livre e democrática, que na visão do arquiteto, refletia a identidade e os traços culturais dos paulistas.

Artigas também propôs alguns projetos com organização do programa em meios-níveis interligados por escadas. As residências não construídas *Adelino Candido* (Artigas, 1958), *Orlando Martinelli* (Artigas & Cascaldi, 1958) e *Edith Leme Ianni* (Artigas & Cascaldi, 1960) possuem semelhanças com a organização do programa das residências construídas *Olga Baeta* (1956) e *Rubens de Mendonça* (1958).

No caso das residências *Adelino Candido* (1958) e *Martinelli* (1958), o terreno em alicie criou condições para a distribuição do programa em meios-níveis. No caso da residência *Ianni*, o terreno plano fez com que Artigas organizasse o programa em dois pavimentos principais, com um meio-nível que abriga apenas um banheiro.

Estabelecendo um paralelo com sua obra construída, observamos que há uma sintonia temporal com as soluções adotadas pelo arquiteto em sua obra construída. O projeto é fundamentado em premissas semelhantes, e a organização do programa é resolvida de maneira muito próxima, com determinadas particularidades de cada projeto, como, por exemplo, a conformação do pé-direito duplo em alguns projetos.

Considerações finais

Nas análises realizadas até o momento, foram identificadas características que estabeleceram relações entre projetos não construídos e obras construídas. Podemos afirmar que a criação de novos partidos arquitetônicos, a busca pela interpretação de programas e de uma linguagem do arquiteto acompanharam toda sua obra, construída ou não.

O elemento “circulação” organiza e articula o programa e compõe os espaços, em níveis diferentes, desde o início de sua carreira de modo coerente. Em torno da lareira ou de um pátio, a circulação elimina portas, paredes e corredores, uma característica dos projetos residenciais de

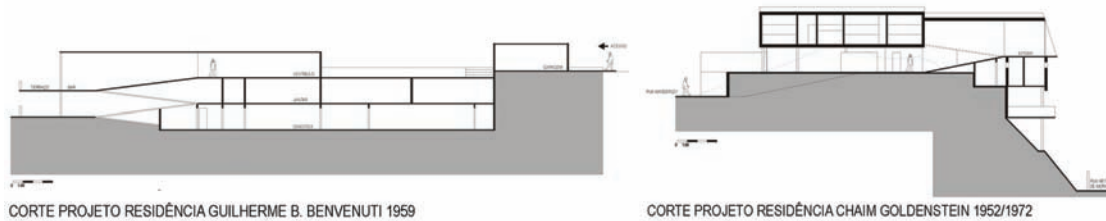


Figura 11. A exploração de diferentes rampas. Cortes projetos residências não construídas Guilherme Bianchi Benvenuti (1959) e Chaim Goldenstein (1952-1972).

Figure 11. Different ways of using ramps. Sections of unbuilt designs for Guilherme Bianchi Benvenuti (1959) and Chaim Goldenstein (1952-1972).

Fonte: Redesenho autor (2010).

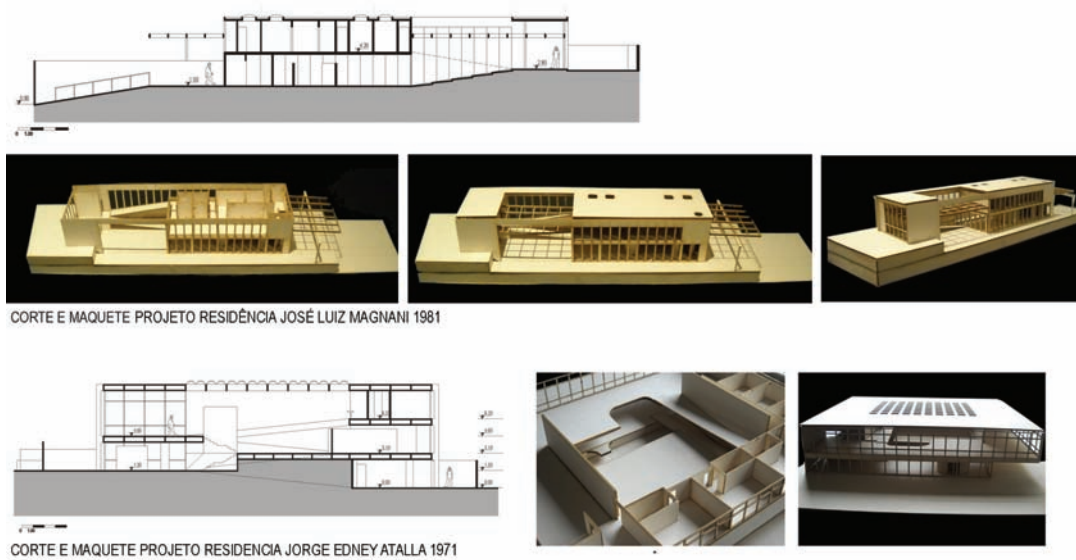


Figura 12. A exploração de diferentes rampas. Corte e maquete projetos residências não construídas José Luiz Magnani (1981) e Jorge Edney Atalla (1971).

Figure 12. Different ways of using ramps. Sections and models of unbuilt designs for José Luiz Magnani (1981) and Jorge Edney Atalla (1971).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

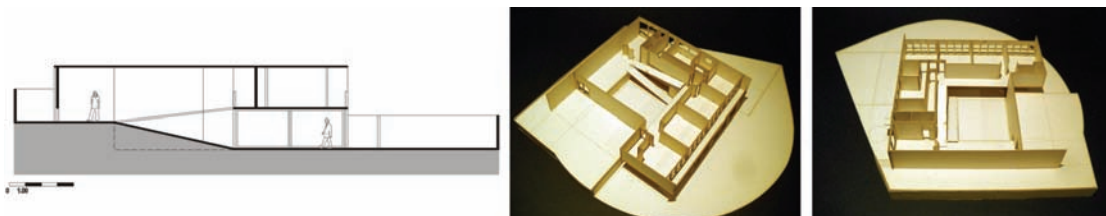


Figura 13. A exploração de diferentes rampas. Corte e maquete projeto residência não construída José David Vicente (1959).

Figure 13. Different ways of using ramps. Section and model of unbuilt designs for José David Vicente (1959).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

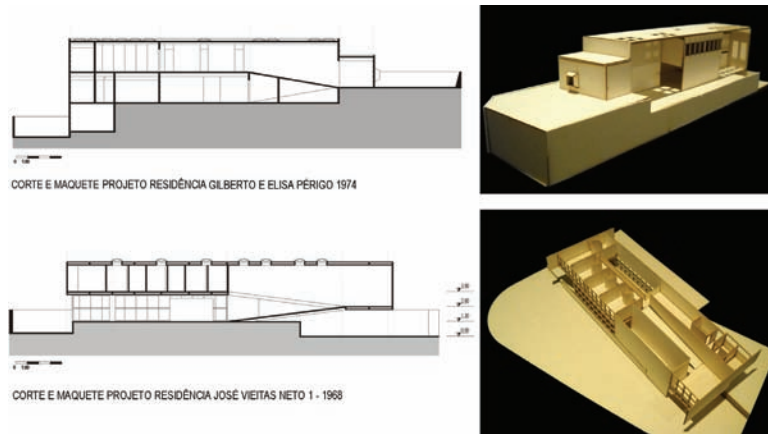


Figura 14. Continuidade espacial. Cortes e maquetes projetos residências não construídas Gilberto e Elisa Périgo (1974) e José Vieitas Neto 1 (1968).

Figure 14. Spatial continuity. Sections and models of unbuilt designs for Gilberto and Elisa Périgo (1974) and José Vieitas Neto 1 (1968).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

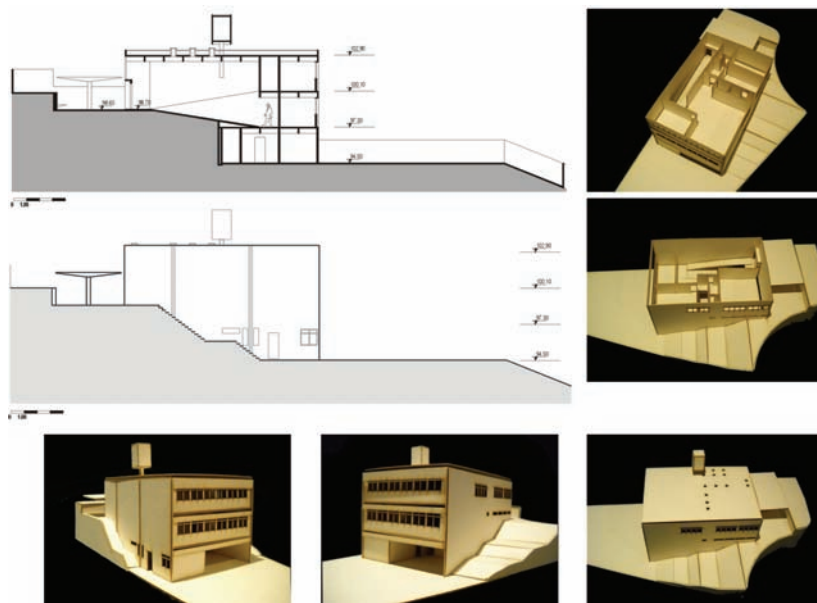


Figura 15. Continuidade espacial. Desenhos e maquete projeto residência não construída Waldemar Cordeiro (1970).

Figure 15. Spatial continuity. Drawings and model of unbuilt design for Waldemar Cordeiro (1970).

Fonte: Redesenho, fabricação e fotos da maquete autor (2010).

Artigas. A circulação permite a leitura do projeto, enquanto o pátio cria condições únicas para a comunicabilidade e sociabilização dos espaços internos. A circulação é um dos elementos principais da arquitetura de Artigas.

Nos percursos criados pela circulação de um projeto de Artigas geralmente não há surpresas com relação à organização dos ambientes, pois, assim que se adentra neste espaço, o observador já consegue dominar e avaliar

os ambientes praticamente num só olhar. As surpresas acontecem pela qualidade espacial, que o observador vai apreciando a cada trecho do percurso realizado dentro daquele espaço único que ele domina visualmente.

Neste sentido, as maquetes físicas foram artefatos fundamentais para a identificação e compreensão de aspectos espaciais e formais, sobretudo como meio auxiliar para classificar os tipos, propostas e partidos arquitetônicos, e sua

relação com os conceitos defendidos pelo arquiteto. Nesta pesquisa, é importante destacar o papel das maquetes físicas como um meio de investigação da organização das formas e espaços propostos pelo arquiteto. Durante sua produção, pode-se observar melhor o partido arquitetônico de cada residência e visualizar, de um modo mais intenso, a relação entre acessos, setorização, circulação horizontal e vertical, conexão entre os pavimentos e aberturas.

Mais do que um meio de representação, a maquete, nesta pesquisa, assumiu um papel importante, como um meio para investigar os múltiplos domínios que constituem a proposta arquitetônica. Ao implantar a maquete dentro do lote, pode-se perceber melhor a relação entre os espaços fechados e os abertos, as relações entre a casa e a rua, entre o público e o privado.

As dilatações e contrações de espaços, cheios e vazios e suas relações com a estrutura e cobertura podem ser mais bem apreciadas, uma vez que a maquete pode ser desmontada, permitindo visualizar as relações espaciais, internas e externas, entre diferentes setores. Portanto, na ausência da obra construída, a maquete permite a proximidade com a materialidade do projeto e, assim, tem sido um artefato fundamental para a investigação de projetos não construídos.

Desse modo, a pesquisa contribui para a investigação sobre o processo de projeto e, sobretudo, de projetos que constituem uma parte importante da história da arquitetura brasileira. Os projetos estudados e apresentados neste texto revelam a importância da investigação destas obras que não foram construídas.

Estes projetos certamente consumiram anos de trabalho, antes de serem guardados e arquivados, deixando para o esquecimento ideias e pensamentos. Estudar, analisar e escrever sobre estes exemplares implica retomá-los, não para validá-los, mas para reconstituí-los dentro de sua devida importância.

Referências

- ARTIGAS, V. 1981. *Caminhos da arquitetura*. São Paulo, Lech, 142 p.
- BACHIN, R. 2005. Unbuilt Chicago. *Journal of Planning History*, 4:286-292. <http://dx.doi.org/10.1177/1538513205278335>
- BARRIOS, C. 2010. *Unbuilt Caracas*. In *the age of global architecture*. School of Architecture/Program in Latin American Studies 8. Princeton University, December (Exposição).
- BRANDÃO, C.A.L. 2001. Linguagem e arquitetura: o problema do conceito. *Interpretar Arquitetura*, 1(1):1-8.
- BUZZAR, M.A. 1996. *João Batista Vilanova Artigas – Elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira – 1938-1967*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 337 p.
- COLLINS, G.R. 1979. Visionary Drawings of Architecture and Planning: 20th Century through the 1960s. *Art Journal*, 38(4):244-256. <http://dx.doi.org/10.2307/776374>
- CORREA, M.L. 1998. *Artigas: da idéia ao desenho*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 266 p.
- COTRIM, M. 2008. *Construir a casa paulista: o discurso e a obra de Artigas entre 1967-1985*. Barcelona, Espanha. Tese de Doutorado, ETSAB, 554 p.
- CUNHA, G.R. 2009. *Uma análise da produção de Vilanova Artigas entre os anos de 1967 a 1976*. São Carlos, SP. Dissertação de Mestrado. EESC, 201 p.
- FERRAZ, M.C. (coord.). 1997. *Vilanova Artigas*. São Paulo, Instituto Lina Bo Bardi/Fundação Vilanova Artigas, 215 p.
- FLORIO, W. 1998. *Da representação à simulação infográfica dos espaços arquitetônicos*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Mackenzie, 511 p.
- FLORIO, W.; SEGALL, M.L.; ARAUJO, N.S. 2008. Tangibilidade dos modelos físicos: protótipos rápidos em arquitetura. *Graf & Tec*, 23:47-58.
- FOSCARI, A. 2010. *Andrea Palladio. Unbuilt Venice*. Baden: Lars Muller Publishers, 287 p.
- GALLI, M.; MÜHLHOFF, C. 2000. *Virtual Terragni. CAAD In Historical and Critical Research*. Boston/Berlin, Basel/Birhäuser, 93 p.
- HARBISON, R. 1991. *The Built, the Unbuilt and the Unbuildable: In Pursuit of Architectural Meaning*. London, Thames and Hudson, 192 p.
- IRIGOYEN, A. 2002. *Wright e Artigas: duas viagens*. São Paulo, Ateliê Editorial, 201 p.
- IWAMIZU, C. 2008. *Estação Rodoviária de Jaú e a dimensão urbana da arquitetura*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 412 p.
- JONES, W. 2009. *Unbuilt Masterworks of the 21st Century. Inspirational Architecture for the Digital Age*. London, Thames & Hudson, 399 p.
- JUAREZ, A. 2000. Topology and Organicism in the Work of Louis I. Kahn: Notes on the City Tower. *Perspecta*, 31:70-80. <http://dx.doi.org/10.2307/1567252>
- JUCÁ, C.B. 2006. *João Batista Vilanova Artigas, arquiteto (1934-1941): a gênese de uma obra*. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado, UNB, 266 p.
- KAMITA, J.M. 2000. *Vilanova Artigas*. São Paulo, Cosac & Naify, 127 p.
- KATINSKY, J. (org.). 2003. *Vilanova Artigas*. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake. Catálogo da Exposição, 259 p.
- KROHN, C. 2010. *The Unbuilt Berlin*. Berlin, Café Moskau, 259 p.
- LARSON, K. 2000. *Louis I. Kahn. Unbuilt Masterworks*. New York, The Monacelli Press, 232 p.
- MIGUEL, J.M. 1999. *Pensar e fazer arquitetura*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. FAUUSP, 422 p.
- NASCIMENTO, M. 1997. *A tessitura da rede: arquitetura como interlinguagem*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 315 p.
- NEUMANN, D. 1992. Three Early Designs by Mies van der Rohe. *Perspecta*, 27:77-97. <http://dx.doi.org/10.2307/1567177>
- OLIVEIRA, G.P. 2008. *A Casa Bettega de Vilanova Artigas: desenhos e conceitos*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 194 p.
- PERRONE, R.A.C. 1993. *O desenho como signo da arquitetura*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. FAUUSP, 425 p.
- PETROSINO, M.M. 2009. *João Batista Vilanova Artigas – residências unifamiliares: a produção arquitetônica de 1937 a 1981*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 478 p.
- PFEIFFER, B.B. 1999. *Treasures of Taliesin: Seventy-seven unbuilt designs*. New York, Pomegranate, 164 p.
- ROSENBLATT, A. 1968. The New Visionaries. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, 26(8):322-332. <http://dx.doi.org/10.2307/3258446>
- ROSSETTI, E.P. 2007. *Arquitetura e transe: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília (1960-85)*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. FAUUSP, 163 p.
- SAGGIO, A. 1992. Five Houses by Giuseppe Terragni. *Journal of Architectural Education*, 46(1):40-45. <http://dx.doi.org/10.2307/1425239>
- SAKON, C.M. 2009. *Simulações digitais de projetos não edificados do arquiteto Vilanova Artigas*. Campinas, SP. PIBIC/FECAU-Unicamp, 21 p.
- SANTIAGO, J. 2008. *Simulação digital de obras não construídas de Lina Bo Bardi*. São Paulo, SP. PIBIC-FAU- Mackenzie, 23 p.

- SILVA, D.A. da. 2006. *Simulações digitais de obras não construídas de Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo, SP. PIBIC-FAU- Mackenzie, 18 p.
- SIZA, A; TESTA, P. 1987. Three Projects. *Assemblage*, 2:62-95.
<http://dx.doi.org/10.2307/3171090>
- SKY, A.; STONE, M. 1976. *Unbuilt America: Forgotten Architecture in the United States from Thomas Jefferson to the Space Age*. New York, McGraw-Hill, 320 p.
- SUZUKI, J. H. 2000. *Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em Londrina: uma contribuição ao estudo da arquitetura moderna no Estado do Paraná*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 291 p.
- TENÓRIO, A.S. 2003. *Casas de Vilanova Artigas*. São Carlos, SP. Dissertação de Mestrado. EESC USP, 208 p.
- THOMAZ, D.E. 1997. *Um olhar sobre Vilanova Artigas e sua contribuição à arquitetura brasileira*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, 423 p.
- THOMAZ, D.E. 2005. *Artigas: A liberdade na inversão do olhar: Modernidade e arquitetura brasileira*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. FAUUSP, 296 p.
- ZEVI, B. 1992. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo, Martins Fontes, 286 p.

Submetido: 11/04/2012

Aceito: 17/05/2012

Ana Tagliari

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Rua Maranhão, 88
01240-000, São Paulo, SP, Brasil

Rafael Perrone

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Rua Maranhão, 88
01240-000, São Paulo, SP, Brasil
Universidade Mackenzie
Rua da Consolação, 930
01302-907, São Paulo, SP, Brasil

Wilson Florio

Universidade Mackenzie
Rua da Consolação, 930
01302-907, São Paulo, SP, Brasil
Universidade Estadual de Campinas
Rua Elis Regina, 50
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
13083-970, Campinas, SP, Brasil